

BFK em casa

Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé. À memória de Marlene de Oliveira Cunha

por João Alípio de Oliveira Cunha



Marlene Cunha grávida.
Autora: Angela Barbosa, 1988.
Fonte: Acervo pessoal.

A antropóloga negra foi pioneira na temática relacionada às gestualidades, envolvendo o corpo e a dança (BÁRBARA, 2002, p.22), relacionando-as com a questão da ancestralidade africana no Brasil. Suas propostas, feitas 30 anos atrás, ressoam com aproximações contemporâneas da antropologia sobre as religiões de matriz africana com toda a sua complexidade social e ritual. Trazer aqui a trajetória dessa intelectual negra é fundamental para combatermos os processos de silenciamento e apagamento presentes nos meios acadêmicos. Como nos diz Janaina Damasceno Gomes (2013):

O que me leva a pensar que talvez o futuro de nosso (de todos nós) trabalho não seja distinto quanto o de Virginia [Virginia Bicudo]. Aqueles que detêm a hegemonia sobre relações raciais (esse termo ainda existe?) estão construindo uma história da qual não fazemos parte. Basta olhar, por exemplo, os grupos de trabalho dos grandes encontros associativos da área, onde quase não há discussões sobre o tema, e portanto, onde há um fluxo menor de pesquisadores negros e olhar, também, suas referências bibliográficas. (GOMES, 2013, p. 152).

Tanto Marlene como todos nós pesquisadores negros, permanecemos vivendo em “busca de um espaço”. Espero que essa leitura traga novos caminhos, e que, possamos ter mais “Marlenes” e “Virgínicas” no campo de estudos das relações raciais nos cursos de Antropologia e afins.

Leia o artigo na íntegra [clikando aqui](#).

João Alípio de Oliveira Cunha é doutorando pelo PPGAS-MN/UFRJ.

EQUIPE

Adriana Ornellas
Bibliotecária

Dulce Maranhã Paes de Carvalho
Bibliotecária

Soraia Capello
Bibliotecária

Fernando Lima
Auxiliar de biblioteca

Márcio Miranda
Auxiliar administrativo

BFK em casa, 23 nov., n.30, 2020.

Lançamento

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020. 336 p.



Primeiro livro de Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas* é um dos textos mais influentes dos movimentos de luta antirracista desde sua publicação, em 1952.

Logo de início, se apresenta como uma interpretação psicanalítica da questão negra, tendo como motivação explícita desalienar pessoas negras do complexo de inferioridade que a sociedade branca lhes incute desde a infância. Assim, descortina os mecanismos pelos quais a sociedade colonialista instaura, para além da disparidade econômica e social, a interiorização de uma inferioridade associada à cor da pele – o que o autor chama de “epidermização da inferioridade”. Não se compreende a questão negra fora da relação negro-branco.

A edição da Ubu conta com prefácio de Grada Kilomba e posfácio do especialista em Fanon Deivison Faustino. Textos escritos especialmente para a edição da Ubu. O livro traz ainda textos do intelectual e ativista Francis Jeanson e do historiador Paul Gilroy. Tradução de Sebastião Nascimento, com colaboração de Raquel Camargo.

(trecho do texto divulgado pela editora)



Desenho de Esperança Garcia, negra escravizada que foi reconhecida como primeira advogada do Piauí (Ilustração: Valentina Fraiz)

Leia a carta de Esperança Garcia:

“Eu sou uma escrava de V.S.a administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, aonde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo tão mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho nem, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S. pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha.

De V.Sa. sua escrava, Esperança Garcia”

Saiba mais sobre Esperança Garcia:

Livro Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito. Teresina: EDUFPI; OAB, 2017. 139 p.

Mulher, negra e escravizada: Esperança Garcia, a primeira advogada do Piauí. Sinara Gumieri, em matéria para o Justificando, 2017.

Quem foi Esperança Garcia, negra escravizada reconhecida como a 1ª advogada do Piauí. Renata Gaulf, para a Folha de São Paulo, 2020.

A "carta" da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira. Elio Ferreira de Souza. In: Anais do XIV Congresso Internacional ABRALIC, 2017.

A carta de Esperança Garcia e os usos da memória da escravidão para a construção da identidade negra piauiense. Francisca Raquel da Costa. In: Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia, 2012.

Esperança Garcia: a primeira advogada do Piauí

Esperança Garcia, mulher negra e escravizada, escreveu ao governador do estado do Piauí em 1770, denunciando os maus-tratos que tanto ela quanto suas companheiras e seus filhos sofriam. Também reclamava do fato de ter sido separada de seu marido e do impedimento de batizar as crianças.

Devido a essa carta, Esperança recebeu o título simbólico pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) do Piauí de primeira advogada do estado.

A carta de Esperança foi encontrada em 1979, no Arquivo Público do Piauí, pelo historiador Luiz Mott. A descoberta de sua reivindicação fez dela símbolo da luta por direitos e da resistência negra.

PERIÓDICOS - ÚLTIMOS NÚMEROS

Ayé (n.esp., 2020). Acesse [aqui](#).

Estudos Avançados (v. 34, n.99, 2020). Dossiê Pandemia pela Covid-19. Acesse [aqui](#).

American Sociological Review (v.85, n.5, 2020). Acesse [aqui](#).

CHAMADAS DE TRABALHOS

Revista ACENO. Dossiê Temático Epistemologias, Metodologias e Questões Éticas em Pesquisas com Abordagens em Diversidades Sexuais e de Gênero. Prazo de Envio: 30/01/2021. Veja [aqui](#).

NA MÍDIA

Com novo apagão no Amapá, Brasil mostra que cidadania é artigo de luxo. Leia [aqui](#).

Kabengele Munanga e filho Bukassa: afetos, identidade e consciência negra. Leia [aqui](#).

Quilombola é eleito prefeito em Cavalcante, GO. Leia [aqui](#).

Coronavírus avança "sem controle" na maior reserva indígena do Brasil. Leia [aqui](#).

COMUNIDADE UFRJ

Mais de 70% das candidatas negras sofreram violência política em 2020. Veja [aqui](#).

Honoris Causa para Carolina Maria de Jesus. Veja [aqui](#).

UFRJ e ecologistas se mobilizam por estação de barcas na Ilha do Fundão. Veja [aqui](#).

USP, Unicamp e UFRJ estão entre as 10 melhores universidades da América Latina, aponta ranking. Veja [aqui](#).

